

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Então, estamos no dia 26 de setembro de 1995, com o padre M. Auguste Bandeira, em Cotonu. Padre Auguste, o senhor é dominicano, não?

AUGUSTE BANDEIRA- Sim, sou dominicano.

MG - E o senhor nasceu em 1959.

AB - 4 de setembro de 1959.

MG - O senhor estava falando que o senhor nasceu no Norte.

AB - Sim, em Natintinguou, eu vivi com meu pai até, digamos, eu fiz todo o primário lá. E, depois, bom, sempre no norte, mas um pouco mais ao centro, em Parako, onde eu comecei meu seminário. Então, eu comecei o secundário no seminário. E então, depois a sexta, a quinta¹, depois disso, eu vim para o sul, porque se colocou, no ínterim, um problema de efetivo nos seminários. Os seminários se esvaziavam e a solução era colocar, reagrupar todos os seminaristas para que, a partir de então, a formação se fizesse junto. E era positivo, mas, ao mesmo tempo, era uma solução para a penúria, o que fez com que eu viesse para o sul.

MG - Para Uidá?

AB - Fui para Djimè, entre Abomé e Bohicon, e foi lá que eu fiquei o primeiro, o segundo e o terceiro ano, e eu voltei para Parakou. Porque lá eu trabalhava, continuava minha formação, lá. Eu fiquei ainda três anos, a segunda, a primeira e a terminal². E eu voltei ainda para o Sul, para terminar, aí era para o grande seminário, dois anos. Então, eu fiz um pequeno traslado.

MG - Sempre do lado de Abomé.

AB - Sim, sempre próximo de Abomé. E até lá, eu não fui... Digamos que, meus pais, meu pai e minha mãe, não me falaram de modo especial o que a família representa na sociedade. O que tem é que, é meu pai que colocava, sobretudo, que acentuava isso, nós éramos um pouco considerados como estrangeiros, ele mesmo o sabia. Eu não sei como isso aconteceu. Em todo caso, sobre a minha certidão de nascimento está marcado "Ato de nascimento do estado civil europeu". Isso se deve talvez à chegada dos franceses. De qualquer forma...

MG - No registro marcaram europeu?

¹ Sexta e quinta são séries escolares.

² Segunda, terceira e terminal são as últimas séries do antigo colegial.

AB - Sim. ???³ Mas isso mudou depois. Mas só que isso fazia, assim mesmo, que nós não fossemos realmente integrados. E vivemos um pouco nesse ambiente aí.

MG - Isso em 1959.

AB - Sim.

MG - Quer dizer quase na independência.

AB - Sim, justo, é isso. Então, bom, nos seminários, enquanto que eu era tomado por outro contexto de formação, e que não era lá que iriam me falar o que era a família Bandeira. Então, foi uma vez tendo chegado aqui onde, enquanto eu fazia, eu seguia a formação secundária em Bohicon, eu vinha para Porto Novo para passar as férias, porque na ocasião, meu irmão estava lá, e foi lá que eu vi a casa da nossa família pela primeira vez.

MG - Em Porto Novo?

AB - Em Porto Novo. Dizem que foi lá que o nosso avô viveu, era lá mesmo que meu pai estava. Foi lá, ao mesmo tempo, que eu conheci outras famílias ???⁴ Eu comecei a descobrir pouco a pouco. E, enquanto isso, eu tinha tido a facilidade de encontrar tios dos quais eu tinha me distanciado anteriormente. Eu os reencontrei e eles falavam da família e, sobretudo, sobretudo, de Aguê. Tem um tipo de peregrinação que nós tínhamos que fazer em Aguê. Porque a família, a casa da família é considerada secundária. A primeira casa da qual partimos, falamos até hoje, é preciso reconstruí-la porque ela está em ruínas.

MG - Ela está completamente em ruínas?

AB - Tem ainda alguns muros, mas a parcela⁵ ainda está lá. As outras famílias estando [?]⁶ sobre o terreno, é preciso construir. E faz tipo... É um conflito permanente entre os membros da família. Tem aqueles que são a favor da reconstrução e outros que se dizem: “- Mas, por quê? Porque, bom, nós temos nossas casas”. E, pois que ela está sendo usada por alguns, isso cria conflitos. Mas tem como um retorno às origens, a origem está lá. É Aguê. E não é somente para ir levantar muros, mas para encontrar uma identidade. Porque as outras famílias estão lá e é lá que o nosso avô tem... É lá que nosso avô chegou pela primeira vez, lá que ele construiu. Os outros vieram mais tarde, ele partiu de lá também, se não, se de toda forma, se hoje o senhor vai lá, esse terreno é para a família Bandeira.

MG - Eu vou tirar fotos dos muros que sobram. Porque ainda têm muros. Nós tiramos fotos dos muros da capela de Aguê.

³ Ponto de interrogação no manuscrito original.

⁴ Pontos de interrogação do manuscrito.

⁵ “A parcela” talvez seja parte da família.

⁶ Aparentemente está escrito “emprêter” ou emprestar, mas não faz sentido na frase.

AB - Eu não sei se o senhor vai encontrar ainda um muro desse tempo. Porque tem muitas coisas que caíram, nós renovamos, não encontramos utilidade nisso, naquilo, como materiais históricos.

MG - Eu concordo com o senhor, com sua visão sobre a identidade da família, é exatamente isso.

MG - Tem até alguns que querem vender a casa????⁷

AB - E esses que querem construir lá, e aqueles que são contra construir lá, aqueles que são por vender a casa, são todos Bandeira que tem o mesmo laço de sangue com o pai fundador, ou são Bandeira que não têm laço de sangue no ⁸, que a gente tinha explicado antes?

AB - Eu falei para o senhor do meu pai, não? E esse tio, é ele, digamos, o último.

MG - ???⁹

AB - Sim.

MG - Como ele se chama?

AB - Hilaire. Ele se chama Hilaire e ele é considerado como o decano, porque de todos os filhos que meu avô teve, ele é praticamente o único que está vivo.

MG - Ele tem que idade?

AB - Ele deve se aproximar dos sessenta. E então é um... Ele é muito precioso. Porque ele tem informações das quais nós não dispomos. Mas eu achei genial de sua parte, é uma iniciativa muito boa que ele tomou, mesmo se isso não é aproveitado por todo mundo, pelo menos ele teve a ideia de fazer gravar e de deixar a história da família, vista por ele, sobre uma fita cassete. Já é isso. E eu faria todo o possível para, não seja para recolher as informações, talvez não diretamente dele, se ele recusar acesso a cassete, a esse documento aí. Pelo menos que eu ouça, que eu grave, mas eu pediria também a ele, e é preciso fazê-lo bastante rápido, porque nunca se sabe, a morte intervirá. Eu não acho realmente tempo para ir vê-lo. ???¹⁰. Mas ele poderia me indicar tal e tal [pessoas] que pudessem me informar sobre a família, a qual pertence essa pessoa e que tem ligações com os Bandeira.

MG - Entre aqueles que querem vender tem aqueles que querem construir? Como se passa? Porque pode haver injúrias, porque às vezes a identidade primeira da família interessa a um ramo e não a outro. E isso se vê em várias famílias. ???¹¹

⁷ Pontos de interrogação do manuscrito.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

AB - Eu não sei se imediatamente passamos, de qualquer forma, acho que todo mundo está de acordo para reconhecer que a ligação principal, se existe uma referência, ela é a casa de Aguê. Mas o que faz que os outros digam, sobretudo, que, bom, eu partilho a opinião desses que, melhor do que vender uma casa que ainda está de pé, para levantar as ruínas (Corte) por medida, é para isso, eu acho, mas nós estamos de acordo para dizer que a origem é primeiro Aguê. Pelo menos eu, eu me pergunto e, aliás, ouvindo falar os tios, e depois os mais velhos, tem muito mais a descobrir em Aguê do que aqui em Porto Novo.

MG - Em Porto Novo, quem mora na casa atualmente?

AB - Meu irmão, que estava...

MG - Seu irmão mais velho ou mais novo do que o senhor?

AB - Não, ele é mais velho do que eu. Mas não é ele o mais velho do meu pai, de nosso pai. Mas é ele que está lá há alguns anos e justamente é por isso que ???¹²

MG - Ah, bom.

AB - Mas, sim, porque há alguns anos ???¹³ a casa pertence a ele. Ou bem, ele está lá por tanto tempo. Ele está na casa dele, porque é a casa de seu avô, é sua casa. Mas não é a casa só dele, e os outros, sobretudo porque ele tem netos, se todo mundo se metesse lá dentro, se esculpindo um pedaço, estaríamos apertados, imediatamente. É preciso que ele parta, ele está lá, mas é bom também para a conservação da casa. Então, tem todos esses aspectos do problema e não é fácil de resolver.

MG - Não, não é fácil de resolver. Durante anos e anos os europeus emprestaram o direito ao mais velho, quer dizer que tudo pertencia ao mais velho. E, se o mais velho quisesse, ele dava uma parte aos outros. E a mulher, por exemplo, ela nunca teve acesso a terra. É por isso que nós não temos a rainha da França, nós temos na Inglaterra, mas não na França. O título, a propriedade, eles só passam para os homens. É justamente para evitar esse tipo de problema que o senhor acabou de colocar. Se eu entendi bem, é o avô do senhor, quer dizer, o pai do pai do senhor que voltou do Brasil com o nome de Bandeira, mas ele era africano. Eu pergunto ao senhor, porque o senhor tem uma pele um pouco clara, os olhos um pouco como os dos índios, eu me pergunto se não tem uma mistura.

AB - Quando a gente vê, ele mesmo, é por isso que é preciso ver sua foto, o que eu vejo agora...

MG - É em Porto Novo?

AB - Sim, é em Porto Novo, mas tenho tias aqui. Mas eu realmente encontrei sua foto de membro das forças armadas, com suas medalhas e tudo.

¹² Idem.

¹³ Idem.

MG - Das forças armadas? Que ano?

AB - É que são as forças armadas francesas, eu não me lembro. Deve ser as forças armadas francesas.

MG - Isso nós vamos ver com o uniforme, vamos tentar...

AB - ???¹⁴

MG - Todos os anos tinham os mesmos uniformes, não? É como hoje, se o senhor pega um paraquedista, ???¹⁵ é igual.

AB - Mas aquele que eu quis conhecer é o pai do meu avô, digamos, meu ancestral, que era aquele lá.

MG - Ele era Bandeira.

AB - O que tem é que você falava dos louvores agora a pouco. Então, minha mãe me louvava quando eu lhe rendia um serviço, ou bem quando ela queria te estimular para que você lhe rendesse um serviço, ela falava de um certo???¹⁶

MG - De um certo?

AB - Monkpa. E esse Monkpa, ele pare que ele vem mais de Savalu.

MG - E a mãe do senhor, ela é de onde?

AB - Ela é de Comé.

MG - Ela é de Comé.

AB - Sim.

MG - Ela fala o que lá? Na língua dela? Ela é mina¹⁷?

AB - O watchi¹⁸.

MG - Ela louvava o senhor nessa língua?

AB - Ela nos louvava em mina.

MG - Em mina.

AB - O watchi é o mina, tem afinidades. Mas ela falava bem mina. Mas ela louvava, digamos, nosso ancestral.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Mina é um grupo étnico e uma língua da África Ocidental, na região da antiga Costa do Ouro, atual República de Gana.

¹⁸ Não foi encontrada referência sobre essa língua.

MG - Mas eu me pergunto, desculpe-me se digo besteiras, eu pergunto se ela louvava o ancestral do senhor do lado Mina ou o ancestral do lado do pai do senhor? Porque aí tem dois ancestrais.

AB - Não, é possível, mas aí, no nosso caso, é do lado do nosso avô. Bom, será que é o nome do avô que é Monkpa e então a origem é Savalu. Essa foi uma questão que suscitou pesquisas. Então, alguns de nossos tios, entre os quais aquele que está aqui em Cotonou, foram, eles perguntaram se tinha uma família Monkpa em Savalu. Eu penso que eles encontraram a família Monkpa. Mas qual a ligação com a família Bandeira, tem essa ???¹⁹

MG - Bom, para fazer um exercício de reflexão com o senhor, é certo que o avô Bandeira veio do Brasil.

AB - Sim.

MG - Ele chegou quando? Vamos tentar saber. O senhor sabe quando ele chegou?

AB - Não, eu não sei, e justamente eu quero ir a Aguê porque é o primeiro ponto de permanência dele, para ver, porque ele foi batizado lá.

MG - Ele foi batizado lá?

AB - Sim.

MG - Mas não sabemos com que idade ele foi batizado.

AB - Isso é difícil dizer, mas pelo menos, folheando os registros, porque ele foi registrado, será que, é aí também a questão que me coloco, se os registros não foram conservados é realmente pena.

MG - Mas eu não acho ???²⁰ os arquivos nacionais em Porto Novo, é bem difícil de saber as coisas. Bom, vamos tentar olhar o pai do senhor. Ele nasceu em 1920 por aí, aproximadamente.

AB - Sim.

MG - Então, e ele, ele é o mais velho, o tal.

AB - Ele é, hã, ele não é o mais velho. Porque antes dele tem outros.

MG - E depois dele tem quantos?

AB - Ele tem ???²¹, pois eu tenho tias.

MG - Os caçulas, os últimos filhos do seu avô?

¹⁹ Pontos de interrogação do manuscrito.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

AB - É o Hilário.

MG - É o caçula?

AB - Não, espera, será que depois do Hilário vem uma tia?

MG - Hilário tem 65 anos.

AB - Aproximadamente.

MG - Ele é de 1930. Então, seu [?] ele nasceu em 1930. Para fazer um exercício, se ele é de 1930, podemos acreditar que o avô do senhor teve filhos até 55, 60 anos. Na média, para ter uma ideia. Então, em 1930, ele tinha 60 anos. Então, ele nasceu em 1870. Ele nasceu, então, no Brasil, ele não nasceu na África.

AB - Não.

MG - Ele nasceu no Brasil, então ele não era africano. Ele era brasileiro, crioulo²², nascido lá, quer dizer que ele tinha nascido no Brasil, ele tem pai africano.

AB - Provavelmente.

MG - Provavelmente. Bom, se ele nasceu lá, de pai africano, ele era, tem uma grande, grande, muito grande possibilidade de que ele era já mestiço. Porque teve uma mestiçagem quase geral naquela época. Então, ele é brasileiro e os escravos, então, a gente falava de branco, [mas] é preciso fazer nuances, porque no Brasil não tem brancos. Quando os portugueses chegaram lá, eles eram um punhado de homens e eles pegaram as mulheres indígenas nativas, e então fizeram - um português e uma indígena - esse filho aí, e ele é moreno, mas não é branco. Ele já é mestiço, ele tem os olhos um pouco assim, como os japoneses, e é um pouco diferente e é... Isso é a população base no Brasil. Então, quando dizemos que um brasileiro é branco, isso quer dizer que ele é pelo menos mestiço com um índio. Então, para ser branco, branco, é preciso chegar do Portugal naquela semana lá. Porque, de outra forma, ele não é branco. Então, tem uma forte probabilidade de o pai do senhor ter nascido já de um pai ou de uma mãe, provavelmente de um pai mestiço de, ou bem com índio ou bem português com indígena, ou bem português com negro, ou bem os três.

AB - Isso eu vou precisar nos meus ???²³, tem fortes chances de ele ter nascido no Brasil.

MG - Então, se ele nasceu em 1870, e ele nasceu no Brasil, porque o tráfico ele realmente terminou nos anos 1850. Depois dos anos 50 não tinha mais tráfico, isso é certo. Então, se ele nasceu lá, ele veio sozinho aqui? Talvez não. Porque tem um

²² Nos primórdios da colonização do Novo Continente, o termo crioulo designava com exclusividade os filhos de europeus nascidos nas Américas. Mas, logo depois, ele se estendeu aos descendentes dos escravos africanos nascidos nas Américas. Hoje o termo não mais designa uma origem étnica específica e sim o vínculo com determinada cultura crioula.

²³ Idem.

pequeno detalhe, eu posso ver, para fechar o raciocínio, o senhor sabe que naquela época lá, o Brasil, a elite brasileira é a classe social mais sem vergonha, canalha, que tem sobre a Terra. Eles fazem coisas impossíveis. Eles fizeram, por exemplo, uma lei, o Brasil foi o último país que aboliu a escravidão. Abolimos a escravidão em 1888, mas fizemos várias leis antes. Fizemos uma lei, por exemplo, que era a Lei do Ventre Livre. Mesmo se seu pai era escravo e sua mãe era escrava, esse filho não era escravo. E por que fizemos essa lei aí? Porque os escravos eram de mais em mais claros, eram os filhos do mestre com as mulheres escravas. E, então, isso começou a colocar problemas porque, de repente temos escravos muito grandes, o senhor viu a novela *Sinhá Moça*²⁴, é esse o negócio. E eu digo ao senhor, eu mesmo, eu sou branco, branco não se discute. Meus filhos são brancos, brancos. Mas meu pai é negro. Porque a avó do meu pai, ela nasceu escrava. Mas aí, a história da família, é um pouco complicada. Mas eu acho que ela nasceu no Brasil. Então, ela já era mestiça. Então, ela teve filhos com um português, que se chamava, aliás, Vieira. E dos seus filhos com o português, que eram loiros com olhos azuis, nasceram vários filhos. Então, minha avó, que tinha a pele clara, ela é negra, mas com a pele clara. Ela fez filhos com um brasileiro que era mestiço brasileiro. E deu meu pai, que era claro de pele, mas também negro. Meu pai se casou com minha mãe, descendente de portugueses e espanhóis, então ela é completamente branca, desde sempre. Então, meu pai com minha mãe me fizeram. Eu sou branco, cabelo crespo, mas branco. Veja o senhor, então as quatro gerações embranqueceram, três gerações branquearam, e eu e meu pai, meu pai é negro, eu sou branco, então tem uma forte probabilidade que o pai do senhor ele já era mestiço lá. E como fizemos essa lei, que era que uma criança que nascesse no Brasil nasceria livre. Como depois fizemos uma lei para dizer que todos os velhos, quando chegassem à idade de 60 anos, eles eram livres, não eram mais escravos. Dissemos: “Ah, isso é muito bom”. Isso é realmente raciocínio de ????. Quer dizer, você pega um indivíduo, ele trabalha toda a vida e quando ele chega à idade de 60 anos, a idade de se aposentar, jogamos ele fora. Quer dizer, não tem mais salário, não tem mais comida, não tem mais roupas, não tem mais nada. Disseram: “- Se vira!”. E essas pessoas, muitas delas, eles voltaram para a África, porque, bom, se o avô estava livre com a idade de 60 anos, ele pegou seu neto que era livre também e voltou para a África. O senhor entende meu raciocínio? Eu digo ao senhor que talvez o primeiro Bandeira é aquele que é o avô do senhor, ele não chegou sozinho. Talvez ele tenha chegado com seu pai, e o pai dele veio de Savalu. Mas o pai dele não deixou descendência além do pai do senhor.

AB - É isso. Parece que ele era filho único.

MG - É isso. Isso não é a história, hein. É só um exercício de raciocínio, hipóteses vistas, se o pai do senhor lá, ele era um homem jovem de 15 anos, ele é, ele era brasileiro, ele nasceu lá. Mas seu avô foi liberado antes da abolição da escravidão, ele foi liberado porque ele atingiu a idade de 60 anos. Então, temos um avô liberado, um

²⁴ Na França e em países francófonos, essa novela de Benedito Ruy Barbosa, foi difundida em 1990 e redifundida em 1993, com o nome de “Mademoiselle”. Um dos personagens principais da novela é filho de um barão e de uma escrava da propriedade. O barão nega o filho com medo que sua esposa saiba, mas, à sua morte, aceita seu filho, que o perdoa.

pai escravo, porque ele ainda não atingiu a idade de 60 anos, e um neto liberado porque ele nasceu no Brasil, mas livre. Então, o avô volta e o neto é ???²⁵ pai, não é?

AB - E o pai???²⁶

MG - O pai continua escravo no Brasil. É por isso que dizemos que tem vários casos onde ???²⁷ um momento. Meu tataravô, ele tinha um único filho, não porque os outros, ele não é o pai, ele é o avô, ele chegou com um neto aqui. O senhor entende? E ele era de Savalu. E Savalu era na área de ???²⁸ fom²⁹. Porque o fom não vendia gente de Abomé, ele vendia gente dos arredores. E onde é Savalu? Exatamente, podemos ver, podemos fazer pesquisas para saber em que época fizeram a guerra contra Savalu. Isso podemos ver na escritura, é talvez na origem dessa louvação aí. Eu vou dar informações disso ao senhor, porque isso pode ajudar o senhor nas suas pesquisas.

AB - Claro.

MG - E a avó do senhor, ela falava mina também?

AB - Ela é watchi. Materna?

MG - Paterna, a mãe do avô do senhor, o fundador.

AB - Essa, eu não conheci.

MG - A mãe do pai do senhor. Isso é preciso perguntar ao tio do senhor, seu tio sabe a língua que falava a mãe dele.

AB - Porque aí, podemos saber se ela fala a língua de Savalu ou não.

MG - Em Savalu se fala fom, não?

AB - Não é igual ao fom.

MG - É como o gom³⁰?

AB - Não o gom é [?]³¹

MG - Mas, é como o gom, é próximo do fom?

AB - Parece com o fom, mas é o mahi³².

²⁵Idem.

²⁶Idem.

²⁷Idem.

²⁸Idem.

²⁹Fom é o povo do antigo Daomé e a língua falada por ele, também conhecida como fongbé.

³⁰Gom é um grupo étnico localizado em Porto Novo, no Benim, e a língua falada na cidade.

³¹Falta uma palavra nesse final de frase.

³²A palavra mahi tem origem fom e denomina a língua e o povo (também conhecido como Marrim, Maí ou Mahim) do antigo Daomé.

MG - Ah, se fala o mahi em Savalu! Ah! Então aí, eu digo ao senhor, hein! Tem bastante mahi no Brasil.

AB - É interessante que eu, eu mostro ao senhor a fileira e as mensagens indicativas que você, você vem de dar e ver o esclarecimento, isso me permite de completar vazios que as pessoas, por exemplo, aquilo que você acabou de dizer, as relações entre o avô e o filho, que aqui pegamos como filho único, sendo que ele não é.

MG - Não, não é o pai, é o avô. Então, o grande, ele veio, e o que ele tinha? Ele tinha o conhecimento, ele tinha o saber, ele tinha trabalhado durante sessenta anos no Brasil. É ele que conhecia a marcenaria, a carpintaria, que ele tinha o ofício, e ele passou isso para o seu filho e outros daqui. É por isso que ele é sempre louvado, porque ele era o velho sábio. Ele não teve só o filho, não. Não é que ele voltou com um menino, mas era aquele que teve a chance de vir com. E, o pai do senhor, faziam louvores para ele?

AB - Não, não diretamente, era em referência a esse ancestral, esse antepassado.

MG - O senhor conhece o louvor, sabe repeti-lo?

AB - Não, bom, quando minha mãe dizia, ela dizia: *Monkpa nu dé non nyi apèvi a, biszé sé gogo gogo. Gogo do go o go*. Isso quer dizer: “O quê? Será que é alguém que é de Monkpa, eu acho que ele pertence à família Monkpa, pode ser pequeno?” Nós não respondemos, não, mas é subentendido que nós todos somos pessoas valentes. Praticamente guerreiros, quê. É isso. É o que quer dizer a onomatopeia gogo do go. São pessoas fortes, robustas e valentes. É isso que diz o louvor, brevemente.

MG - Na língua da mãe do senhor?

AB - Não, não, é praticamente em fon. É em fom.

MG - Ah, é praticamente em fom.

AB - Sim, é em fom.

MG - É já em fom, e o senhor me tinha dito que sua mãe não falava fom.

AB - Ela é watchi, mas o louvor, justamente, é em fom.

MG - É em fom e eu pergunto ao senhor, é em fom de Abomé ou em fom de Savalu, ou é uma mistura com o fom.

AB - É o que eu acabo de dizer, é em fom. Se o louvor foi colocado em fom, porque não é a mesma entonação em mahi.

MG - É praticamente a mesma coisa. Mas basta mudar a entonação para ter o fon. Bom, talvez o louvor original seja em mahi.

AB - Sim, porque não faz sentido fazer o louvor em fom, porque ninguém é fom na realidade. E os fom são mais como inimigos dos mahi. Eles não são aliados, quê.

AB - Mas tal como está aí para esse louvor, e o que eu acabo de dizer, eu não sei se um Mahi diria outra coisa. Eu queria entender bem um Mahi retomando esse louvor. Parece-me que é quase igual.

MG - O senhor fala mahi?

AB - Eu vivi com, lá onde eu estava, no Norte, nós estávamos praticamente numa zona mahi. Eu ouvi bem os mahi sempre falando, então, quando um mahi fala, eu entendo.

MG - Que língua o senhor fala, além do francês e do fom?

AB - Falo o mina.

MG - O mina.

AB - E, depois, quê, ainda, eu fiquei em Porto Novo, então eu falo um pouco de gom, por ter ficado no Norte, eu falo o dendi, uma das línguas do Norte. E, depois, para o resto, eu faço uma bricolagem, quê, eu não falo assim...

MG - O nagô, um pouco.

AB - Sim, mas eu não quero ir mais longe que isso.

MG - Isso é interessante porque, na África, todo o mundo fala muitas línguas.

AB - Mas no Brasil é igual.

MG - Não, no Brasil falamos português de uma ponta a outra, com exceção dos grupos indígenas, dos grupos dos índios, quer dizer na Amazônia ou mesmo em outros lugares do país. Isso quer dizer os grupos indígenas, eles têm uma língua própria deles. Mas, ???³³ sim, sim, no Brasil falamos português de uma ponta à outra. E o que é interessante, eu fiz um esforço com meus filhos para que eles compreendessem pelo menos o francês, o inglês e o espanhol. Porque é a língua de nossos antepassados, sobretudo o inglês, é a língua de troca. E é interessante porque, o senhor sabe, aquele que fala, ele se chama ???³⁴, essa é a palavra, em grego, idiota, é aquele que fala vários idiomas. E é tão idiota, falar um só idioma, que a França³⁵ passou em nossa língua como alguém de completamente bobo. É isso, aquele que fala um só idioma. Eu sei, penso que o tempo passa, logo o senhor vai partir, eu gostaria de pedir ao senhor uma coisa muito precisa. Sobre essa festa católica de Cosme e Damião, vocês fazem ainda aqui?

AB - Hoje, por exemplo, é Cosme e Damião.

MG - Vinte e seis, não é no dia 27. Porque no Brasil é dia 27.

AB - É amanhã, então.

³³ Pontos de exclamação no manuscrito.

³⁴ Idem.

³⁵ Está escrito “la france”, “a frança”, com letra minúscula. Mas a frase não faz sentido.

MG - É hoje ou amanhã?

AB - É amanhã. Mas, então, entre as famílias brasileiras eu não sei se é realmente festejado. Nós temos, assim mesmo, vivido alguns anos em família, em Porto Novo, e depois, eu estou em contato com as diferentes famílias aqui, eu não ouvi falar dessa festa de Cosme e Damião. Talvez esteja também em desuso, porque as pessoas, bom, elas não se encontram mais assim, mas o que eu sei são festas que vocês têm...

MG - O Bonfim.

AB - Sim, isso se festeja. E eu acho que é em dezembro que se festeja.

MG - Aqui é talvez em dezembro, mas a festa de hoje, em Porto Novo se festeja hoje, e tem uma coisa interessante aí. Eu assisti à missa, a missa era em francês, ele fez renascer o Bonfim, tinha uma delegação ???³⁶ com ???³⁷ em português ???³⁸ feito no Brasil, escrito em português, Nosso Senhor do Bonfim, ???³⁹ do Porto Novo, escrito em português lá na igreja, do lado do altar e uma missa do Bonfim. O padre não falou do Bonfim uma única vez. Ele não disse nem “hoje nós estamos juntos para louvar Nosso Senhor do Bonfim”. Bom...

AB - Nenhuma alusão.

MG - Nenhuma alusão. ???⁴⁰ à uma alusão à uma delegação brasileira na igreja lotada. Eram brasileiros que estavam lá dentro e que festejavam o Bonfim.

AB - Não poderíamos dizer que não era uma ???⁴¹

MG - ???⁴² Mas, não, não era possível.

AB - Nós podemos tê-la, mas ele não pode explicar o sentido dessa festa se ele não conhece a gênese.

MG - Eu me pergunto isso, eu parto ???⁴³ imediatamente agora e eu quero um pouco discutir com uma questão que eu coloquei aí para o senhor, eu vou colocar [essa questão] para o senhor De Souza. Eu já tive uma entrevista com ele. Eu não sei, porque a festa do Senhor do Bonfim no Brasil, ela é muito misturada com as festas dos Vodun. O senhor sabe que são os ???⁴⁴ de Chala. É por isso que todo mundo festeja o Bonfim. ???⁴⁵ Bonfim quer dizer tempo feliz. Bom fim. Isso chama a festa do Bonfim. É o nosso senhor que vai nos assegurar que no final tudo ficará bem. Então, é exatamente o

³⁶ Pontos de interrogação no manuscrito.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

discurso da elite brasileira diante dos escravos. Agora, a vida é dura, ???⁴⁶ o Bonfim. E tem aí, nosso Senhor ele está do lado de nós ele é o bom fim, então os escravos louvam o Bonfim. Então a Igreja do Bonfim na Bahia, todo o mundo presta homenagem ao Bonfim, ao Nosso Senhor do Bonfim, e lavamos a igreja com água de Chala⁴⁷. O Chala o senhor conhece bem, é o vodou que vem do Abomé, ele muda de nome, mas é sempre o mesmo. Tem um problema muito grande na igreja católica porque, às vezes, por exemplo, o último cardeal do Brasil é um ???⁴⁸ e o dia de sua investidura ele disse: “Estamos aqui, eu não quero mais o Bonfim, eu não quero mais animismo na igreja. O Bonfim é também católico, se quisermos, faremos uma missa, não tem animismo aqui”. E o problema é que as pessoas de ???⁴⁹ do vodou, ele entraram na igreja com os ???⁵⁰ e tudo isso e faziam uma festa dos vodus na igreja, para lavá-la e saudar nosso senhor do Bonfim. Isso é bem o Brasil, o sincretismo. E o problema é que toda a população da Bahia, e depois, os brasileiros em geral, eles tem uma ???⁵¹ por esse santo aí. No total, eles deixavam passar, e no momento em que o cardeal quer fazer a lavagem da igreja, e mesmo o governador do Estado, o senhor cardeal, não é possível, porque o padre vai quebrar a igreja. E o cardeal chamou as forças da ordem e o chefe de polícia disse: “Eu vou impedir o padre de entrar na igreja do Bonfim, mas eu não posso fazer isso. ???⁵² você mesmo”. Então o cardeal foi obrigado a deixar as pessoas fazerem a cerimônia delas, mas fora da igreja. ???⁵³ Porque no Brasil essa história do Bonfim, a gente não tinha muito lá, hein, tem um problema entre a hierarquia e a igreja e a festa popular. Porque dizemos que a festa popular não é nos cânones, na igreja tradicional como Deus quer.

AB - O senhor, lá, é qual senhor?

MG - Nosso Senhor, é Jesus Cristo nosso senhor. É o Nosso Senhor do Bonfim. Eu não conheço seu nome em francês para a tradução. Mas nós temos Nossa Senhora de Fátima.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Não foi encontrada referência sobre essa palavra.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.